
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA POSIÇÂO-SUJEITO DE DIRIGENTES DE CÍRCULO DE ORAÇÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS DO RECIFE*

Dalexon Sérgio da Silva**
Rejane Maria da Silva***

Resumo

O presente trabalho promove uma análise discursiva da posição-sujeito de dirigentes de círculo de oração de três sujeitos do sexo feminino, membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Deus do Recife, para mostrar os efeitos de sentidos que são produzidos a partir desta posição-sujeito em suas condições de produção do discurso, bem como, as formações imaginárias e a presença de outros discursos no discurso religioso dessas dirigentes de círculo de oração. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho mobiliza o conceito de posição-sujeito e de outros conceitos desta teoria, defendidos principalmente por Pêcheux, na Europa, por Orlandi, no Brasil e demais autores, para analisar um corpus constituído por um questionário contendo cinco perguntas feitas em uma entrevista a essas três dirigentes sobre o perfil da liderança feminina nessa posição, levando-se em consideração que o círculo de oração é o maior espaço de liderança dado à mulher na igreja. Assim, objetiva-se com esse estudo identificar o desempenho da liderança feminina no círculo de oração na Assembleia de Deus do Recife, em Pernambuco.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Posição-sujeito. Discurso religioso.

Introdução

O desejo de pesquisar acerca do discurso religioso das dirigentes de círculo de oração da Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Convenção de Recife teve como origem o momento no qual a segunda autora deste trabalho exerceu suas atividades religiosas como dirigente de círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco e manteve contato com outros sujeitos femininos que ocupava a mesma posição-sujeito de dirigentes de círculos de oração. Assim, também interagiu com sujeitos que ocupavam a posição de pastores assembleianos, despertando-

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 setembro de 2016 na UNICAP – PE.

** Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Email: dalexon@uol.com.br. Membro da RELEP – Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais e da REA – Rede de Estudos Assembleianos.

*** Doutora em Biotecnologia, Universidade Federal do Ceará – UFC; rejanefungi@gmail.com

lhe a atenção por já perceber que cada um desses sujeitos enunciava a partir de uma posição-sujeito diferente, entre dirigentes e pastores. Posteriormente, a segunda autora manteve contato com o primeiro autor, que é analista de discurso. Assim, tais posições-sujeito lhes fizeram aguçar a curiosidade e se questionarem: Como o discurso religioso desses sujeitos que são dirigentes de círculo de oração significa a partir da posição-sujeito na qual cada um deles enuncia? Que efeitos de sentidos são produzidos a partir do que há de diferente e em comum entre as dirigentes de círculo de oração dessa igreja? Será que todas trazem no discurso um já-dito, cristalizado?

Nesse entremeio, este trabalho investigativo destina-se a analisar como se mostram as posições-sujeito de dirigentes de círculo de oração assembleianas num corpus constituído pelo discurso religioso de 3 (três) sujeitos envolvidos nesta pesquisa. A saber, composto por 3 (três) dirigentes de círculo de oração da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Recife, no estado de Pernambuco, no Brasil. Este artigo está distribuído, de forma a apresentar o trabalho ao leitor, nas considerações iniciais, justificando-o e marcando problematizações e objetivos. O item 2 (dois) pretende situar, brevemente, algumas considerações teóricas acerca do surgimento do círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Recife no estado de Pernambuco e o item 3 (três) discute a teoria e procedimento analítico, suporte do trabalho, a Análise do Discurso de linha francesa, tal como delineada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e demais estudiosos. Em seguida, pretende-se evidenciar o percurso metodológico do trabalho, para, finalmente, no item 5 (cinco), trazer à discussão o corpus discursivo dos sujeitos em estudo, focando no aspecto das posições-sujeito. Por último, haverá o fechamento do trabalho, com as considerações finais.

O círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Convenção de Recife em sua constituição histórica

De acordo com Andrade (2010), a Assembleia de Deus foi oficializada no estado de Pernambuco em 24 de outubro de 1918, por intermédio do Pastor Joel Calson, o qual nesta oportunidade realizou em caráter oficial o primeiro culto pentecostal no bairro da Boa Vista, centro do Recife. O evangelho se expandiu, principalmente por causa do trabalho social que o casal Joel e Signe Calson implantando na cidade de Recife o orfanato Betel.

Depois de mais de duas décadas surge o Círculo de Oração em seis de março de 1942, através da irmã Albertina Bezerra Barreto, membro da Assembleia de Deus em Recife, Pernambuco, a qual convidou algumas mulheres para orarem na congregação do bairro da Casa Amarela, em favor de sua filha Zuleide, que não andava nem falava e os médicos lhe davam uma expectativa de vida de oito anos (ARAÚJO, 2011).

De acordo com Araújo (2007), a primeira reunião teve a participação de sete mulheres que oravam 10 horas por dia, uma vez por semana, e a partir desse momento torna-se uma organização oficial na Assembleia de Deus, passando a ser conhecido entre os fieis fortalecendo-se a cada semana com o aumento do número de pessoas na congregação do bairro Casa Amarela.

O nome "Círculo de Oração", de acordo com relatos de Araújo (2011) a irmã Albertina Bezerra Barreto, inspirou-se num folheto que havia lido cujo texto explicava que a oração era como um círculo nos céus: "Quando estávamos orando, lembrei-me da mensagem e disse: – Vamos circular os céus com as nossas orações".

Depois da abertura do Círculo de Oração no estado de Pernambuco, Albertina e seu esposo, Florismundo Barreto foram para João Pessoa/Paraíba, onde foi fundadora e diretora do círculo de oração durante 14 anos naquele estado. Logo em seguida a irmã Albertina foi convidada para abrir os trabalhos de Círculo de Oração em outras capitais como Belo

Horizonte e Salvador, o qual se expandiu pelos demais estados do Brasil e exterior (ARAÚJO, 2007).

Nos dias atuais o Círculo de Oração na Assembleia de Deus em Pernambuco é um trabalho diurno com duração de oito horas, cuja liderança é formada exclusivamente por mulheres, que nele pregam, cantam, oram e testemunham, com a diferença de que seus cultos não são dirigidos do púlpito, espaço da hierarquia oficial, mas na frente deste, no piso de mesmo nível segundo Fajardo (2015).

As pesquisas realizadas pelo IBGE (2010), revelam que o grupo feminino do Círculo de Oração é o mais expressivo em número e as líderes, em sua maioria são casadas ou viúvas, mas em ambas as igrejas analisadas no presente estudo, podem ser encontradas não só componentes, mas lideres solteiras, o que representa um avanço, já que de acordo com Fajardo (2015), as jovens solteiras não participam do Círculo de Oração em outras Assembleias de Deus do Brasil.

Discurso, formações imaginárias, condições de produção e posição-sujeito na análise do discurso de linha francesa

O discurso para Pêcheux (1993, p. 82): "[...] é o efeito de sentidos entre locutores", pois o que é encontrado no discurso é um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos oriundos da tensão entre constituição e formulação. O autor ainda salienta que o discurso é estrutura e acontecimento. Fernandes (2008) atesta que os discursos têm a sua legitimidade assegurada no já-dito, na memória, eles não são fixos, mas se transformam e assumem outros valores, de acordo com a época, o lugar e a ideologia vigente. Assim, Pêcheux propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias. Nesse porto, compreende o sujeito como sendo atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, logo seu sujeito não é *uno* ou do *cogito*, mas é considerado um sujeito descentrado, cindido, clivado. Ele

não se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, pois esses processos são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante se inscreve, embora esse sujeito possua a ilusão de ser a fonte ou origem do seu discurso.

Para que o sujeito construa um discurso, ele dependerá de suas condições de produção, levando-se em consideração que o que garante a especificidade da Análise do Discurso,

> [...] é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros (MUSSALIM, 2003, p.112).

O conceito de condições de produção é o que formulará e reformulará os procedimentos de análise e o objeto de estudo da AD. Conforme já foi dito, as condições de produção é o que caracteriza o discurso e o constituem como objeto de análise. Orlandi (2005) aborda em seus estudos que, na maioria das vezes, os diferentes sentidos encontrados em diferentes enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois,

> os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos em relação ao dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2005, p. 30).

Orlandi (2005) salienta que as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória 'aciona', faz valer as

condições de produção, tornando-se fundamental. Podem-se considerar as condições de produção em sentido estrito e têm-se as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico-ideológico:

> a análise do discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto-histórico. (...) O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos (MUSSALIM, 2003, p.123).

É nesse ponto que o sentido não existe em si, sendo parte constitutiva do contexto-histórico-social. Ele é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas e de que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam, sendo através da Formação Discursiva (FD) que se consegue compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia, sendo a Formação Discursiva que determina o que pode ser dito.

Orlandi (2005) e Brandão (2004) tecem importantes considerações em relação à forma como o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si. Assim, essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, elas se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Isto é, as relações de sentido, as relações de força e de antecipação condicionados pelas formações imaginárias:

> No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de "formações imaginárias" que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 2004, p.44).

Deste modo, na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante. Nessa

perspectiva, a posição social ocupada pelo sujeito falante é inerente ao seu dizer. Nesse item, Pêcheux (1990) teceu seus estudos observando que certos dizeres dominam outros dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia – variação de dominância das palavras.

Com relação ao imaginário, vale reproduzirmos o que escreve Orlandi:

> Segundo o mecanismo da antecipação, todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor 'ouve' suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (ORLANDI, 2005, p.39).

Nessa perspectiva, está a interpretação, ou a imagem do sujeito com relação ao seu interlocutor e ao objeto do discurso. Nesse direcionamento, o sujeito, quando enuncia, mobiliza um funcionamento discursivo, que remete às formações imaginárias. Assim, aquilo que o sujeito espera que faça sentido para o interlocutor é também uma interpretação de um discurso anterior que faz parte da formação imaginária do sujeito falante. O mecanismo imaginário acessa esse sentido já dado em discursos anteriores e produzido em condições sócio-históricas.

É pertinente ressaltar que ao analisar o papel da memória, este trabalho assume o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao apontar que:

> a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Isso posto, para Pêcheux (1999) todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Nesse item, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos.. Assim, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2001) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso. Pêcheux (1999) também compreende a memória discursiva enfatizada como interdiscurso. Dito de outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo "já dito", entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos. Em razão disso, a memória e, consequentemente, o interdiscurso são responsáveis diretos pela constituição do sentido e o sujeito está identificado à formação discursiva a partir da posição-sujeito que enuncia na historicidade.

Aspectos metodológicos

De acordo com Orlandi (2005) a materialidade linguística não é transparente, sendo assim há a necessidade da construção de dispositivos para o acesso a ela, trabalhando a espessura linguístico-histórica, ou seja, a discursividade. Desse modo, o universo da pesquisa foi constituído por 3 (três) sujeitos do sexo feminino, apresentando idades entre 31 e 58 anos. É pertinente ressaltar que a presença, apenas, de sujeito do sexo feminino nesta pesquisa, deu-se porque na Igreja Evangélica Assembleia de Deus da convenção de Recife, a liderança do círculo de oração é exercida exclusivamente pelas mulheres.

Para a efetivação da pesquisa, no processo de constituição do corpus, no que se refere à modalidade técnica, a opção foi por entrevistas semi-estruturadas aos três sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Nesse item,

levando-se em consideração que essa investigação não prioriza a exposição da identidade dos sujeitos entrevistados, e sim, o fenômeno pesquisado, no momento em que os discursos forem cotejados, esta pesquisa se destinará a cognominar os sujeitos da entrevista em siglas, sendo, cognominados, assim: •DCO 1 (Dirigente do Círculo de Oração 1) • DCO 2 (Dirigente do Círculo de Oração 2) e • DCO 3 (Dirigente do Círculo de Oração 3).

É importante pontuar que os três sujeitos envolvidos responderam, espontaneamente, a um roteiro de entrevista com as seguintes perguntas: 1. Como é a relação entre a liderança do pastor e a sua? 2. Para você, o que significa ser dirigente do círculo de oração? Tais perguntas objetivaram observar, principalmente, como a dirigente do círculo de oração da Assembleia de Deus da Convenção de Recife vê a posição-sujeito de pastor e a própria posição-sujeito de dirigente de círculo de oração ocupada por ela, enquanto sujeito religioso assembleiano.

Trabalho analítico num *corpus* discursivo

Orlandi (2010) demonstra em seus estudos que há na Análise do Discurso de linha francesa dois tipos de dispositivos de interpretação: o dispositivo teórico e o dispositivo analítico. O dispositivo teórico é formado pelas noções e conceitos que constituem os princípios da análise de discurso, orienta o dispositivo analítico, visto que faz o "[...] deslocamento de uma leitura tradicional para uma leitura que chamamos sintomática [...]." (ORLANDI, 2010, p.26).

Já o dispositivo analítico segundo a autora, é a parcela que cada analista constrói para a análise específica do material linguístico. Desse modo, torna-se pertinente o uso do recorte discursivo para o procedimento de análise do discurso desses sujeitos que ocupam a posição de dirigente de círculo de oração. De acordo com Orlandi (1987, p. 139/140), "O recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e –

situação [...] os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia". Assim, seguem, abaixo, os recortes discursivos analisados. Antes, contudo, é pertinente lembrar que a primeira pergunta foi: 1. Como é a relação entre a liderança do pastor e a sua?

Ao ser questionada, a resposta de DCO 1 foi: "O meu pastor é homem de Deus e tudo o que ele manda, devemos obedecer". A resposta de DCO 1 evoca, aqui, o conceito de formação imaginária (FI), já que a imagem projetada do pastor remete à visão que a comunidade assembleiana tem de um homem que ocupa a posição-sujeito de falar em nome de Deus. Logo, há um deslizamento de sentido ao dizer; "o meu pastor é um homem de Deus". De acordo com Pêcheux (2009) e Mussalin (2003), a formação ideológica está ligada à representação que os sujeitos têm dos outros sujeitos, são mecanismos de funcionamento discursivo, que não estão relacionados ao físico ou ao lugar empírico, mas às imagens resultantes de suas projeções. Neste caso a maneira que o imaginário da comunidade assembleiana percebe quem ocupa a posição-sujeito de pastor, enunciando em nome de Deus.

Desse modo, a resposta de DCO 1 marca a posição que apresenta uma especificidade discursiva para aqueles que praticam o discurso religioso. Para Orlandi (1987, p. 243) identificam-se como "aqueles em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu". Orlandi (2007) ainda acrescenta que do ponto de vista da Análise do Discurso, Deus ocupa o espaço da onipotência do silêncio e o homem precisa desse espaço para por uma sua fala específica. Seguindo a linha de raciocínio da autora, são realizações marcadas pela anulação da reversibilidade, pois não há possibilidade de interlocução, de dialogismo entre locutor e ouvinte(s), tendo em vista que o papel do locutor, nesse tipo de discurso, resume-se a ser o porta-voz de Deus, o de mediador do plano celestial, o defensor do bem, o propagador da verdade.

Assim, conforme Orlandi (2007) e Brandão (2004), o discurso apresentado por DCO 1 aponta para a exterioridade inscrita na historicidade, para o já-dito noutro lugar, conforme defende Pêcheux (1990) ao dizer que alguma coisa fala antes noutro lugar independentemente e diferentemente, vê-se, nessa posição-sujeito de DCO 1, a identificação aos saberes inscritos numa formação discursiva que ao observar o pastor como um homem de Deus, assume a posição-sujeito de passividade ao enunciar, produzindo um efeito de sentido de ratificação: "tudo o que ele manda, devemos obedecer". Logo, a posição-sujeito de pastor vista por DCO 1 aponta para o lugar discursivo de que o pastor ocupa a posição-sujeito de ser porta-voz de Deus, de ser mediador do plano celestial, do defensor do bem, do propagador da verdade, conforme nos mostra Orlandi (1987). Logo, a negação desses preceitos por DCO 1 poderia constituir-se em efeito de sentido de pecado, de desobediência, de não temente a Deus.

Tais saberes que constituem o discurso religioso também estão presentes no discurso de DCO 2 ao dizer: "O pastor manda e eu obedeço e obedeço às determinações". Além de enunciar de modo semelhante à DCO1, o discurso mostrado por DCO 2 acrescenta um novo elemento linguístico que também aponta para a exterioridade inscrito na historicidade, ao enunciar: "e obedeço às determinações".

Desse modo, percebe-se que há no discurso de DCO 2, o atravessamento do discurso do pastor local e principalmente do pastor-presidente das Assembleias de Deus da convenção de Recife, pois em sua posição-sujeito de pastor-presidente, é seu discurso quem legitima e autoriza a circulação das determinações, das normas nesta comunidade assembleiana. Da mesma forma, é quem aprova e faz circular na igreja publicações impressas, bem como, consagra os pastores para o pastorado. Seu discurso faz manter em circulação os dogmas referenciais da igreja nos

encontros com os pastores para instruções religiosas no Templo Central das Assembleias de Deus no Recife.

É importante ressaltar que tanto no discurso de DCO 1 quanto no discurso de DCO 2 aparecem, de igual modo, o efeito de sentido de obediência ao discurso do pastor. Desse modo, é importante destacar a marca linguística pluralizada apresentada no discurso de DCO 1, ao enunciar: "devemos obedecer". Assim, tanto DCO 1 quanto DCO 2, bem como as demais dirigente de círculo de oração devem obediência aos pastores e tal enunciado aponta para um efeito de unidade, para a reverberação para a total obediência e assujeitamento trazido pelo discurso dos pastores que atravessa tanto o discurso de DCO 1 quanto o de DCO 2, que se encontram numa posição-sujeito de dirigentes de círculo de oração identificadas à obediência às normas, às determinações.

É interessante observar, nos recortes discursivos acima, o modo como a memória discursiva é acionada, tendo em vista que a obediência aos pastores é algo que circula no meu assembleiano como já cristalizado, sempre presente nas pregações dos pastores que afirma que as ovelhas devem ser sempre obedientes, presente assim, na formação imaginária de DCO 1 e de DCO 2. Retomando Orlandi (2005), observamos que os sentidos encontrados nos enunciados remetem às memórias e às circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças, pois, os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. Assim, nesses recortes discursivos analisados, o linguístico está intervindo como pressuposto, apontando para a exterioridade, para outras formações discursivas que atravessam o discurso desses dois sujeitos assembleianos identificados à formação discursiva de dirigentes de círculo de oração, apontando para o já-dito, conforme nos mostra Pêcheux (1990).

Desse modo, constituindo-se nesta relação entre paráfrase e polissemia, há o acionamento da memória discursiva, promovendo o encontro de uma atualidade e uma rede de memórias, nesta produção de sentidos constituída pela historicidade. Assim, a presença das formações imaginárias no discurso de DCO 1 e de DCO 2 apontam para a percepção da posição-sujeito de pastores que ao transmitirem a palavra de Deus, falam a partir de uma posição-sujeito que pode nos permitir observar no discurso de DCO 1 e de DCO 2, que o atravessamento do discurso dos pastores no discurso desses dois sujeitos entrevistados, produzem efeitos de sentido de controle e de persuasão, clivando-os e marcando-nos numa posição de total subserviência.

Contudo, ao ser questionada sobre a mesma pergunta feita a DCO 1 e DCO 2, ou seja: Como é a relação entre a liderança do pastor e a sua? A resposta dada por DCO 3 foi a seguinte : "Não é muito boa, porque o pastor quer que aceitemos tudo sem questionar, não aceito isso, tem que opinar". Logo, embora DCO 3 ocupe a mesma posição-sujeito de dirigente de círculo de oração da Assembleia de Deus de Recife, a sua resposta aponta pra outra lugar, para uma formação discursiva que demonstra uma contra-identificação aos saberes apresentados por DCO 1 e por DCO 2.

Dito de outro modo, DCO 3 não se desidentifica da posição-sujeito de dirigente de círculo de oração, pois ela se encontra inscrita na mesma posição-sujeito das demais dirigentes, porém de acordo com Pêcheux (1999), ela demonstra estar contra-identificada a tais saberes, pois mesmo estando na mesma posição-sujeito de DCO 1 e de DCO 2, ela questiona esses saberes e produz o efeito de sentido de negação, ao enunciar: "Não é muito boa". DCO 3 ainda acrescenta outros termos linguísticos que apontam para a exterioridade, produzindo efeitos de sentidos explicativos e de não-aceitação, ao enunciar: "porque o pastor quer que aceitemos tudo sem questionar, não aceito isso, tem que opinar". Assim, Indursky (2000) afirma que existe a tensão entre a identificação com os saberes da formação

discursiva e a contra-identificação com os mesmos saberes que ocorre no interior da FD. Desse modo, o sujeito do discurso questiona saberes pertencente à FD em que ele se inscreve. Assim, observa-se, como se dá a construção de sentidos entre esses locutores entrevistados ao enunciarem a partir das condições de produção do discurso assembleiano, inscritas na posição-sujeito de dirigentes de círculo de oração assembleiana. Orlandi (2005) salienta que as condições de produção do discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação.

Após, tais análises, observamos agora os recortes discursivos retirados das respostas à segunda pergunta: 2. O que significa ser dirigente de círculo de oração?

Diante do indagado, obteve-se a seguinte resposta de DCO 1. "Dirigente de círculo de oração é uma mulher de oração, dona de casa e assídua no círculo de oração".

É interessante observar nesse recorte discursivo como se dá o funcionamento da ideologia, que naturaliza a compreensão de que ser dirigente de círculo de oração é ser uma mulher de oração, dona de casa e ser assídua ao círculo de oração, gerando, desse modo, um efeito de evidência. Pêcheux (1990) nos diz que o funcionamento da ideologia, em geral como interpelação dos sujeitos, acontece por meio do complexo das formações ideológicas e atribui a cada sujeito a sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas. Logo, é a ideologia que produz no discurso dos sujeitos o efeito de evidência. Pêcheux (1999) ainda propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias.

Nesse item, o discurso de DCO 1 produz o efeito de sentido de normatizar este lugar de dirigente de círculo de oração como o lugar de: "mulher de oração, dona de casa e assiduidade", sendo esses elementos constitutivos apresentados como o "ideal" para essa posição-sujeito, desse

modo, silenciando outros saberes e sentidos que possam ser pertencentes a essa posição-sujeito de dirigente. Vale pontuar que o discurso de DCO 1 carrega o social, o ideológico e o histórico da posição-sujeito construída discursivamente para a dirigente de círculo de oração.

Ainda convém ressaltar que o termo linguístico qualificativo "dona de casa", aponta na exterioridade, no já dito noutro lugar, como já ponta Pêcheux (2009), para a presença do discurso machista que circula na sociedade por meio da memória discursiva e faz ressoar ecos de que a mulher ideal é aquela que vive para o lar, que sabe cozinhar, passar, preparar refeições etc. Dito de outro modo, é a Amélia, ou a Bela, recatada e do lar da revista Veja. Assim, o discurso de DCO 1 apaga dessa posição-sujeito inscrita numa formação discursiva, por exemplo, a construção de sentidos de que uma boa dirigente de círculo de oração também pode ser uma mulher que não seja uma dona de casa.

Já no discurso de DCO 2. "Ser dirigente é ter uma chamada para a intercessão e auxiliar o ministério da igreja". Do que foi mostrado, nesse recorte discursivo, observa-se que Deus (Jesus, Espírito Santo) ocupa uma posição-sujeito que o faz ser visto como o grande sujeito, que é o dono do discurso correto, perfeito. Esse discurso, intocável, inquestionável, atravessa e controla o discurso das dirigentes de círculo de oração assembleianas entrevistadas, promovendo assujeitamento. Desse modo, esse discurso ideal, que possui uma autoridade absoluta atravessa o discurso de DCO 2, ao enunciar que: "Ser dirigente é ter uma chamada pra a intercessão". A memória discursiva presente na comunidade assembleiana faz reverberar saberes que marcam a compreensão de que Deus chama os seus servos para interceder pelo seu povo. Logo há no discurso de DCO 2 a presença do atravessamento de outras formações discursivas, por exemplo, dos personagens bíblicos que são mostrados na Bíblia como sendo chamados por Deus para a intercessão. Desse modo, ser dirigente de círculo de oração é ter chamada para interceder, pois as

dirigentes também conduzem um povo, uma comissão formada por mulheres que oram pela igreja e pela população em geral do país.

Contudo, é interessante observar, que mesmo o círculo de oração sendo um espaço de liderança feminino na igreja. Diga-se, o maior espaço de "poder" concedido às mulheres como líderes na igreja, observa-se no discurso de DCO 2 que os termos linguísticos presentes em seu discurso, mais uma vez aparecem como pressupostos que apontam para a exterioridade, para marcar a posição-sujeito de dirigente de círculo de oração, com passividade, ao dizer que além de ter sido chamada para interceder pelo povo, tal posição-sujeito é marcada pela assistência: "auxiliar o ministério da igreja".

Do exposto, convém pontuar que embora as dirigentes de círculo de oração possam, de fato, serem as responsáveis por algumas contribuições inovadoras e fundamentais na igreja Assembleia de Deus da Convenção de Recife, no discurso de DCO 2, esse efeito de autonomia não aparece. Logo, a dirigente é mostrada como aquela que é chamada (por Deus) para auxiliar os pastores na igreja. Ela aparece, mais uma vez numa posição inferior. Isto é, na primeira pergunta, aparece como aquela na qual o pastor manda e ela tem que obedecer e, agora, como aquela que deve ser auxiliadora dos pastores. Como efeito de paradoxo, isso se dá justamente num espaço de poder criado para que a dirigente de círculo de oração pudesse exercer a sua liderança na igreja.

Por fim, observamos, agora, a resposta de DCO 3. "Ser dirigente é ter confiança em Deus, porque na igreja somos muito apontadas, poucos consideram o nosso trabalho. Infelizmente no círculo de oração, muita gente quer mandar, dar ordens e nós temos que obedecer".

Mais uma vez, a posição-sujeito de dirigente de círculo de oração é mostrada como constitutiva pela total obediência: "temos que obedecer". Novamente, a posição-sujeito apresentada por DCO 3 mostra que, embora

ela continue ocupando a posição-sujeito de dirigente, assim como DCO 1 e DCO 2, contudo ela se encontra contra-identificada nessa formação discursiva, pois ela não diz que se quer obedecer, mas que se deve obedecer, gerando, assim, um efeito de sentido de obrigação, de determinação, de dominação. Antes, porém, o discurso de DCO 3 mostra a forte presença do discurso divino atravessando o seu discurso, pois "ser dirigente é ter confiança em Deus". Logo, é preciso buscar a completude em Deus para ser dirigente, pois Deus e visto como o "Grande Outro" no discurso das dirigentes de círculo de oração entrevistadas. Desse modo, Deus passa a marcar este lugar ocupado pelas dirigentes entrevistadas.

Do exposto, um dos efeitos de sentido do discurso religioso é esse reconhecimento do lugar de Deus e dos humanos (sujeitos-cristãos). Nesse ponto, de acordo com Orlandi (1987), nessa relação, estabelece-se a não-reversibilidade no próprio dizer único e inquestionável, sustentado desde o início pela desigualdade de papéis e lugares, entre o divino e o humano. Tais características assumem grande importância nos discursos religiosos, pois o distanciamento que ocorre entre os interlocutores torna-se elemento necessário para que se possa estabelecer o lugar de Deus (com sua autoridade) e o lugar do homem como subordinado a esse Ser superior.

Nesse trâmite, ao falar em nome de Deus, o discurso assembleiano é constituído por um forte efeito de sentido de obediência de subserviência e desse modo, é preciso ter confiança em Deus. Ainda é pertinente pontuar, como o discurso de DCO 3 apresenta o círculo de oração como um espaço de relações de poder, ou seja, de disputa de poder, ao dizer: "porque na igreja somos muito apontadas, poucos consideram o nosso trabalho. Infelizmente no círculo de oração, muita gente quer mandar, dar ordens"...

Nessa guisa, ao apontar para a exterioridade, os termos linguísticos não apontam quais são os sujeitos referenciados, mas marcam o atravessamento de outras formações discursivas, pois por meio da memória

discursiva, como defende Indusrky (2000) e Orlandi (2001) percebe-se que há a presença de outros sujeitos que ocupam uma posição que lhes permitem exercer a relação de poder no círculo de oração: "muita gente quer mandar, dar ordem". O discurso de DCO 3 ainda aponta para a posição inferiorizada ocupada pela dirigente de círculo de oração na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Recife, ao dizer: " e nós temos que obedecer". De acordo com Orlandi (2005), o poder não está no sujeito em si, mas na posição ocupada pelo sujeito. Logo, os sujeitos que aparecem no discurso de DCO 3 ocupam uma posição de poder que lhes permitem "mandar" e "dar ordens" no circulo de oração, mesmo sendo um espaço criado para as mulheres exerceram sua liderança na igreja.

É interessante destacar que isso se dá porque existe no discurso dos sujeitos entrevistados (DCO 1, DCO 2 e DCO 3), a forte presença do discurso divino, atravessando e clivando o discurso das dirigentes de círculo de oração. Logo, tomando-se o discurso como materialidade ideológica cujo objetivo é capturar o indivíduo e assujeitá-lo a um poder superior, pode-se afirmar que o indivíduo é interpelado por Deus em sujeito para que aceite sua coerção a esse poder superior, sendo que ele próprio, Deus, é o poder superior.

Orlandi (2006) compreende que esse reconhecimento enquanto efeito de sentido, por parte do sujeito-cristão, torna-se consensual na comunidade à qual ele (sujeito) pertence. O consenso só pode ser entendido se reconhecermos o poder simbólico das palavras e que as palavras não falam por si mesmas, mas falam pelos homens que as utilizam e cujo uso se insere nas relações sociais, que são relações de poder entre os homens.

É possível observar no discurso religioso dessa dirigentes assembleianas, nos cultos, o uso da palavra "poder". Por exemplo, quando uma dirigente de círculo de oração da Assembleia de Deus diz: -"Deus tem poder", ou o seguinte enunciado: -"O poder da palavra de Deus", ou ainda:

-"O poder de Deus", esses enunciados garantem o efeito de sentido no discurso religioso assembleiano. Assim, fica garantido o reconhecimento, por parte do ouvinte, da existência de um poder superior a ele e ao qual ele deve se submeter. Diante desse poder, o homem reconhece sua nulidade, reconhece não ser mais que uma criatura, evidencia-se o seu assujeitamento. O poder, reconhecido e, assim constituído, situa-se, na formação discursiva religiosa, no lado do plano espiritual (Deus). Assim, os ouvintes reconhecem o enunciador (Deus) como aquele que os nomeou e criou e, perante o qual, devem se submeter. Dessa forma, fica garantida a contenção da polissemia, portanto, a não-reversibilidade na formação discursiva religiosa.

Nesses termos, tal característica do discurso religioso faz com que haja uma diferenciação do discurso religioso em detrimento aos demais tipos de discursos, uma vez que o querer estar no lugar de, não é função de outros discursos, dessa forma, a retórica utilizada é a retórica de apropriação, pois a ilusão da reversibilidade leva o representante a estar no lugar de e não a estar no lugar próprio.

Considerações finais

De acordo com Orlandi (2005), é por meio do discurso, lugar de enfrentamento teórico, que sujeitos e sentidos se constituem. Desse modo, pode-se compreender que o sujeito assembleiano, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, assume uma posição, um lugar do qual produz enunciados, sendo irremediavelmente afetado por dizeres anteriores.

Desta forma, pode-se perceber que no discurso dos três sujeitos entrevistados há o "outro" interno presente na memória discursiva, como defende Pêcheux (1997) ao afirmar que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. Neste item, os efeitos de sentidos produzidos no

discurso dos sujeitos assembleianos mostraram como o que é dito noutro lugar é ressignificado.

Nesse viés, este trabalho mostrou como se dá as relações de poder nesse espaço de liderança concedido às mulheres assembleianas na igreja e como cada posição-sujeito de dirigente de círculo de oração significa ao reatualizar o já-dito, cristalizado na memória discursiva assembleiana, mostrou também a constituição desse discurso religioso pelo atravessamento do discurso divino e pelo discurso do pastor presidente (discurso institucional da igreja). Assim, foram observadas marcas linguísticas que apontam para a exterioridade, no discurso de DCO 1, DCO 2 e DCO 3, mostrando como esses discursos se constituem, interagindo neste processo do discurso religioso. No qual, todos buscam a completude pelo atravessamento do discurso ideal divino e institucional da igreja Assembleia de Deus da Convenção de Recife.

Assim, este artigo mostrou que tanto DCO 1 quanto DCO 2 encontram-se identificadas, numa posição-sujeito inscrita numa formação discursiva que se identifica com as normas institucionais, com a total obediência aos ditames e ao discurso institucional dos pastores, numa posição que se mostra passiva, ao marcar a posição-imaginária do pastor como ativo, como determinador do poder, conforme aparece no enunciado de DCO 1 e de DCO 2: "o pastor manda e eu obedeço", "tudo o que ele manda devemos fazer". Contudo, o discurso de DCO 3 mostrou uma posição-sujeito de dirigente de círculo de oração, que embora não esteja desidentificada dessa posição-sujeito, questiona saberes provenientes dessa formação discursiva, apresentando um processo de contra-identificação a essa formação discursiva, pois segundo Pêcheux (1990), esse processo se dá quando os sujeitos questionam saberes provenientes da formação discursiva na qual eles permanecem identificados, como se pode observar ao DCO 3 enunciar: "não aceito isso, tem que opinar".

Nesse viés, este trabalho de pesquisa contribui para os estudos relacionados às Ciências da Linguagem e da Religião, pois aponta para a dinâmica existente no discurso religioso, para a hierarquia que o constitui, mostrando uma pirâmide de discursos que promovem atravessamentos e silenciamentos, partindo do discurso divino (ideal), chegando ao discurso do pastor presidente e demais pastores (discurso institucional da igreja, regras, normas), e atravessando e afetando o discurso das dirigentes que enunciam a partir desse lugar marcado de dirigentes de círculo de oração assembleianas.

Referências

ANDRADE, M. G. **Uma história social da Assembleia de Deus**: a conversão religiosa como forma de ressocializar pessoas oriundas do mundo da criminalidade. Dissertação de Mestrado, Curso de Ciência da Religião. Universidade Católica de Pernambuco, 2010, 16p.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAÚJO, I. **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BRANDÃO, Helena H. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

FAJARDO, M. P. F175º **Onde a luta se travar**: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980) - Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015 358 f.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.

IBGE, 2010. Tabela de número 1489.

INDURSKY, Freda. **A noção de sujeito em AD**: do desdobramento à fragmentação. Porto Alegre: ANPOLL, 2000.

MUSSALIN, F. BENTES, A. C. (org.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: princípios & procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. **Discurso e Textualidade**. 2. ed. Campinas- SP: Pontes, 2010

_____. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET & Hack. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

_____. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. et AL. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-7.

_____. FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.